O FUNCIONAMENTO DO DISCURSO SOBRE O ENEM MATERIALIZADO NOS *MEMES*

Raul Guilherme Cândido da Silva[1]

1 INTRODUÇÃO

A AD, que teve sua origem nos anos 60 com os estudos de Michel Pêcheux, é uma área da Linguística cujo objetivo principal é analisar e interpretar construções ideológicas de sentido presentes no discurso, seu objeto de pesquisa (ORLANDI, 2001; 2006). Essas construções estão, estritamente, relacionadas às formas-sujeito que as pessoas têm em determinado contexto histórico como, por exemplo, a internet e sua discursividade.

Conforme Pêcheux (1969), o discurso não é só transmissão de informação é, também, "efeito de sentido entre locutores" (ORLANDI, 2006, p. 14). Entretanto, o discurso está sujeito às falhas da própria língua e pode cair em deslizamento (termo que será aprofundado mais adiante). Assim, não pensaremos somente no outro como agente um da linguagem, mas, pensaremos, também, em suas condições de produções histórico-ideológicas (PÊCHEUX, 1988).

Geralmente, quando se fala em interpretação textual (oral/escrito), as pessoas tendem a se reter ao que é dado pelo enunciado. Todavia, a AD busca ir para além do que está visível, ou seja, busca trabalhar com a opacidade do texto com intuito de chegar às significações e formulações de sentido, dos sujeitos, que se encontram nas entrelinhas do que é dito (ORLANDI, 2001).

Hoje em dia, já existem alguns trabalhos que usem a teoria da AD para estudos no meio midiático (GREGOLIN, 2015; GRIGOLETTO, 2013; LUCIANO, 2013). Portanto, buscamos, por este, contemplar essa linha de pesquisa e reconhecer que os discursos contidos na internet, mais especificamente, nas redes sociais, nos permitem perceber que os usuários estão ali não somente como indivíduos, mas, para

[1] Graduando em Letras-Português-Licenciatura pela Faculdade de Letras (Fale) da UFAL, bolsista no Programa de Educação Tutorial – PET Letras Ufal. Contato: **raulguilhermecandido@gmail.com**.

denunciar realidades às quais esses estão sujeitos em nossa atualidade, já que esses usuários são interpelados a serem sujeitos perante suas posições ideológicas.

Pensando nisso, o presente trabalho tem como objetivo fazer uma análise discursiva, baseando-se nas imagens-texto de quatro *memes*[2] que foram compartilhados, na rede social *Twiter,*[3] logo após a aplicação das provas do Enem[4] em 2015[5], pois, pela perspectiva de Silva Sobrinho (2015, p. 1785):

> [...] as imagens [...] não se reduzem a uma simples produção e percepção de seus contrastes de formas, e cores, luzes e sombras, mas sobretudo, dão pistas do funcionamento do discurso e de seus processos de significação que intervêm nas práticas sociais.

Desse modo, levaremos em consideração a incompletude dos discursos dos *memes.* No entanto, ressaltamos por Orlandi (2001) que essa incompletude não é defeito, mas, sim, qualidade. Pois, só poderemos dar sentido ao texto, porque esse sempre está sujeito à interpretação e se encontra incompleto.

Este trabalho se dividirá em quatro sessões: na primeira, a perspectiva teórica da AD, situaremos nossa fundamentação teórica; na segunda, o advento da internet, a febre das redes sociais e o uso de *memes,* mostraremos a sociabilidade do espaço virtual através do uso de *memes* nos discursos das redes sociais; na terceira parte, a materialidade discursiva dos *memes,* faremos a análise de dados baseando-nos nos estudos da AD; e, por fim, na quarta parte, traremos nossas considerações finais retomando nossa metodologia e fenômeno de pesquisa.

2 A PERSPECTIVA TEÓRICA DA AD

Esta pesquisa está fundamentada nos dispositivos teórico-metodológicos da AD e são por eles que buscaremos interpretar nossas materialidades discursivas. Porém, deixamos claro que essa interpretação vai além de uma mera discrição. Nela, nos propomos buscar as construções de sentidos e as formas-sujeito contidas em nossas imagens-textos "[...] através de seus mecanismos de funcionamento." (ORLANDI, 2001, p. 27).

---

[2] *Meme* é um termo grego que significa imitação. O termo é bastante conhecido e utilizado na internet.

[3] O *Twitter* é uma rede social e servidor para *microblogging*, que permite aos usuários enviar e receber atualizações, pessoais de outros contatos, em textos de até 140 caracteres.

[4] Exame Nacional do Ensino Médio.

[5] Provas realizadas nos dias 24 e 25 de outubro de 2015.

Como já dito, o discurso é o objeto de estudo da AD, contudo, para darmos sentido ao discurso, precisamos considerar, também, quem o produz e suas condições de produção. Sendo assim, a AD vem a ser o ramo da linguagem que se encontra situado no entremeio da linguística (que não vê a língua como algo transparente), do marxismo (o homem faz a história fazendo parte dela, mas, ela não lhe é transparente) e a psicanálise (que vê o sujeito como não transparente nem para si mesmo).

Quando a AD propôs a ideia de trabalhar a opacidade do texto/discurso, alguns autores passam a indagar a metodologia da leitura. Melhor dizendo, alguns autores fazem da leitura mais do que uma simples decodificação, eles a desnaturalizam, eles, ao praticarem a leitura, levam em conta fatores sócio-históricos. Assim, eles fazem, ao contrário da teoria saussureana, uma relação não dicotômica entre língua e fala (discurso), tendo em vista que ao fazer a separação haveria automaticamente a separação da língua e do social.

A forma-sujeito, por sua vez, "[...] é a forma de existência histórica de qualquer indivíduo, agente das práticas sociais." (ORLANDI, 2006, p. 18). Dito de outra maneira, a forma-sujeito se evidencia quando somos interpelados (chamados) a significar o mundo e a significar-se dentro dele, tomando uma postura ideológica que condiz com a nossa realidade.

> A análise de discurso se faz entre a lingüística e as ciências sociais, interrogando a lingüística que pensa a linguagem [sic] mas exclui o que é histórico-social e interrogando as ciências sociais na medida em que estas não consideram a linguagem em sua materialidade. (ORLANDI, 2006, p. 14)

A AD, ao considerar que língua e fala são indissociáveis, resgata o sujeito e a situação que tinham sido postos para fora dos estudos linguísticos. Dessa forma, é a partir daí que a AD passa a enxergar as condições de produção e sua exterioridade como algo importante (ORLANDI, 2006).

Ingenuamente, costumamos achar que somos nós quem damos sentido ao que falamos, no entanto, nossa formação discursiva advém do esquecimento 1, que é o que determina a posição/formação ideológica do sujeito. Dito com outras palavras, o sujeito é determinado discursivamente por algo que não parte dele, mas, que se

constitui automaticamente nele, em seu discurso e em seu sentido (ORLANDI, 2001). E, pensamos, também, que aquilo que falamos tem um único sentido, não havendo brecha à possibilidade de algum deslize. Pêcheux (1988) nos mostra o contrário quando diz que o sentido de uma palavra ou expressão não existe em si, mas, que está suscetível à mudança dependendo da posição ideológica do sujeito.

Consoante Orlandi (2001; 2006), ao proferir determinado discurso, o sujeito, sempre, deixa algo em aberto (incompletude), algo propício a deslizar-se a outros sentidos. A autora trabalha com o que se encontra incompleto nos limites entre paráfrase e polissemia, pois esses eixos sustentam o funcionamento da linguagem no contínuo movimento das repetições e diferença. Porém, é válido lembrar que não é porque o discurso deixa algo em aberto, que não se exista um regimento de sentido.

Ainda, de acordo com Orlandi (2001), a interpretação, na AD, parte de alguns pressupostos: só damos sentido se interpretarmos; a interpretação está relacionada a quem fala/escreve e a quem lê/analisa; e, como mencionado mais acima, o papel do analista não é interpretar, mas, compreender como o texto funciona. De tal maneira, todo discurso, para formar sentido, já tem relação a alguma coisa que o preexiste. Desse modo, a interpretação dos sujeitos (analista e falante) não advém deles, mas, ela já se encontrava presente na história.

3 O ADVENTO DA INTERNET, O DISCURSO NA REDE E O USO DE *MEMES*

Desde os primórdios da humanidade, o mundo vive em crescente desenvolvimento. Desenvolvimento esse ritmado em passos consideráveis. Uma das ideias mais engenhosa do ser é a internet, ferramenta que contempla boa parte da humanidade e que teve seu surgimento durante a Guerra Fria (1945-1991), período histórico de disputas estratégicas e conflitos indiretos entre os Estados Unidos e União Soviética.

Criada com objetivos militares, a internet seria uma das formas das forças armadas norte-americanas de manter comunicações em caso de ataques inimigos que destruíssem os meios convencionais. Porém, nas décadas de 1970 e 1980, além do contexto guerra, a internet passa ser utilizada como meio de interação comunicacional em outros contextos.

Em 1990 a internet é polarizada à população em geral (discordo dessa afirmação, tendo em vista que nem todos/as têm condições financeiras, geográficas ou culturais propícias ao acesso à internet). Neste mesmo ano, Tim Bernes-Lee, engenheiro inglês, desenvolveu a Word Wide Web, cujo esses utensílios deram mais dinamicidade à internet e os a tornaram uma coisa mais interessante[6].

Na atualidade, a internet é instrumento essencial para comunicação. Através das redes sociais, podemos nos relacionar com inúmeras pessoas. E o discurso interacional, resultante da sociabilidade no espaço virtual, é o que, para desenvolver deste trabalho, nos interessa.

Com perfis em redes sociais, os usuários são interpelados a significar-se. Eles são levados a dizer para se constituírem membros do meio, não discursivando algo vazio, mas, algo em *relação à.*

Podemos ver, pelos estudos de Gregolin (2015, p. 193), que "[...] um discurso só é aceito em uma época quando segue racionalidade, [...] precisa seguir certas regras ditadas por um corpo social". Então, os discursos das redes sociais seguem as regras de seu espaço e realidade. Dito de outra maneira, o discurso corrente no espaço virtual tem suas características próprias e veremos na análise dos dados do presente artigo.

Os ambientes virtuais são vistos, por Grigoletto (2013, p. 49), "como um espaço onde se materializam diferentes discursividades". Então, trazendo as múltiplas discursividades, o ciberespaço se torna um lugar que herda as práticas sociais de seus usuários, constituindo-se, assim, um espaço próprio.

Perante o trabalho de Luciano (2013), podemos ver que as formas de sociabilidade nas redes sociais são consequências das práticas discursivas do próprio espaço. É, então, por meio da comunicação aberta que temos um traço marcante do envolvimento. Por essa vertente, os usuários se significam e se tornam sujeitos de

[6] Disponível em:<http://www.suapesquisa.com/internet>. Acesso em: agosto de 2016.

suas práticas ideológicas e interpretam as posições e significações dos outros usuários.

Com os meios midiáticos, temos novas formas de discursividades que advêm de um processo interacional e comunicativo proposto pela internet. Cria-se, então, "[...] um novo espaço de comunicação e sociabilidade" (GREGOLIN, 2015, p. 197).

Atualmente, o mundo digital nos permite várias apropriações, inclusive as de imagens. De tal modo, os *memes* são imagens advindas de algum fato relevante e que vão parar ou acontece na internet. Eles são, rapidamente, viralizados em redes sociais, podendo ter um período de circulação longo ou curto[7], isso irá depender dos seus recorrentes usuários.

Alguns estudos recentes trabalham com a discursividade dos *memes* na oralidade, como, por exemplo, França (2015) que tem como interesse trabalhar os *memes* como um recurso linguístico adaptável a contextos situacionais discursivos. Entretanto, esses mesmos estudos reconhecem a linha tênue percorrida, pelos *memes*, entre o espaço midiático e o espaço real.

O que nos chama atenção na materialidade do uso de *memes* é que os discursos contidos ali são proferidos inicialmente em um determinado contexto e, na internet, esses são reaplicados com o mesmo dizer, para dizer algo diferente. Veremos, então, na sessão seguinte, alguns discursos que foram retirados de séries de TV ou *realitys shows* e transformados em *memes* no contexto da aplicação da prova do Enem.

4 A MATERIALIDADE DISCURSIVA DOS *MEMES*

Nesta pesquisa, teremos como objeto de análise quatro *memes* que foram colhidos da internet[8] e, para compreendermos a importância discursiva desse material, recorremos ao que Orlandi (2006, p. 16) nos diz em seus estudos: "Pensar o texto em seu funcionamento é pensá-lo em relação às suas condições de produção, e ligá-lo a

[7] Informação disponível em: <http://www.infoescola.com/comunicacao/memes/>. Acesso em: setembro de 2016.

[8] Material disponível em: <goo.gl/rn9rPYcontent_copyCopy short URL>. Acesso em: julho de 2016.

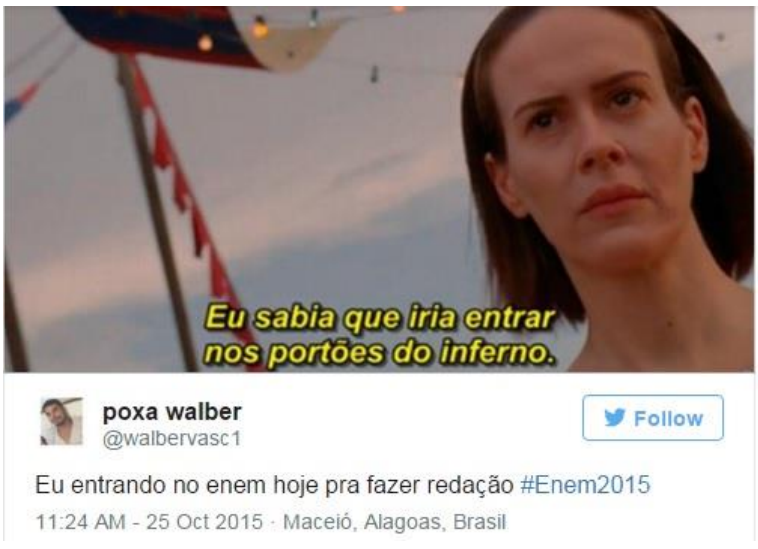
sua exterioridade.”. Dessa forma, traremos os aspectos sociais, da exterioridade, que estão coligados aos discursos/textos.

Propomo-nos pelos estudos de Orlandi (2006) levar em consideração o sujeito e a situação. Dessa tal maneira, temos o sentido estrito que está ligado ao aqui, ao agora e ao imediato, ou seja, aos elementos dêiticos; e a um sentido lato, cuja intenção é abarcar aspectos mais amplos, como, por exemplo, a precariedade da educação.

Ao interpretarmos, vemos que os sujeitos tendem a significar-se e a significar o mundo. Assim, em seus discursos, os sujeitos são levados a dizer algo em relação às tensões provocadas pelo Enem, ou melhor, em relação as suas posturas perante às condições de produção de sentido.

Buscaremos trabalhar a incompletude de nossos enunciados e as interpretações que os próprios sujeitos fazem de si nos deslizamentos (efeitos metafóricos) que são as possibilidades que um discurso tem, dentro de um campo semântico, de se tornar outro. Para isso, trabalharemos, assim, como Orlandi (2001) nos limites da paráfrase e da polissemia das imagens a seguir:

Imagem 1



Na imagem 1, o sujeito compara, através do *meme*, sua entrada na aplicação da prova do Enem à entrada nos portões do inferno. Pelo discurso impregnado em nossa sociedade, mais especificamente à relligiosa, temos a noção de que o inferno

seja um lugar terrível, um lugar onde só haja sofrimento e dificuldade. Sendo assim, fazendo um delizamento parafrásico, que é feito por Orlandi (2001), temos podemos dizer em outras palavras o enunciado do *meme:*

Eu sabia que iria entrar nos portões do inferno. (a, b, c, d, e, f, g, h, i)

(deslizes) ⇩

Eu sabia que iria sofrer. (a, b, c, d, j)

Eu sabia que iria ser difícil. (a, b, c, d, k, l)

Dessa forma, podemos enxegar que entre o ponto de partida (a, b, c, d, e, f, g, h, i) e o pondo de chaga (a, b, c, d, k, l) houve um deslize para outros sentidos que foram excluídos, mas, que são perceptíveis.

Imagem 2

Na imagem 2, o sujeito se mostra surpreso – se levarmos em consideração a expressão de espanto do corpo contido no *meme* – com a dificuldade que ele terá em realizar a prova. Mais uma vez, temos no discurso um elemento religioso, onde "Deus" é feito de vocativo.

Pelo enunciado do *meme,* podemos ter um deslizamento de sentido polissêmico, pois a expressão (escrita) na imagem é facilmente encontrada em discursos que fazem queixas às mazelas do mundo. Então, o sujeito que profere o discurso também acha que terá dificuldades relacionadas ao exame.

Imagem 3

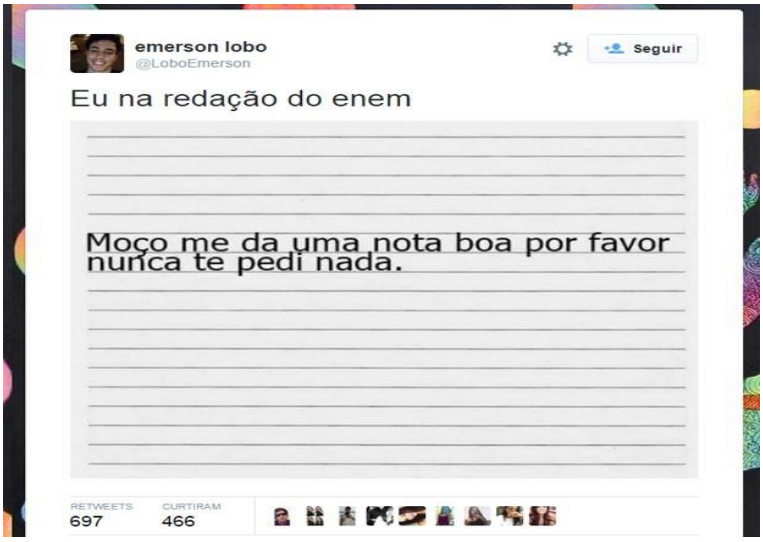
Já na imagem 3, considerando a legenda da postagem e, também, a expressão do corpo do *meme*, podemos perceber que o sujeito trava uma luta contra o tempo em que é lhe dado para se fazer a prova. Vejamos os deslizamentos de sentido:

Minha reação quando o fiscal da sala tirava o adesivo de tempo...
(deslizes) ⇩
Minha reação quando eu percebia que não tinha mais tempo...
Minha reação quando eu percebia que o tempo estava acabando...

Para os candidatos, à seleção do Enem, o tempo de prova é curto se for comparado ao excesso de conteúdo exigido pelo exame[9]. Podemos, então, ver um relato que denuncia isso na imagem 3. Desse modo, a língua se assujeita à exterioridade e cabe à AD interpretá-la (ORLANDI, 2001). Porém, essa interpretação parte, praticamente, do zero, pois temos de trabalhar o não-dito do enunciado para a formulação dos sentidos postas deslizes, feitas por paráfrases.

[9] Informação disponível em: <http://www.colegioweb.com.br/vestibular/maiores-dificuldades-de-quem-estuda-para-o-enem.html>. Acesso em: setembro 2016.

Imagem 4



Por fim, na imagem 4, o sujeito faz uma súplica a quem corrigirá sua redação, pois, esse provavelmente não se sente capaz de elaborar um bom texto dissertativo-argumentativo (uma das exigências mais temidas do Enem). Temos por esta imagem, assim, como pelas demais, a formação imaginária que o sujeito faz de si, um sujeito incapaz.

As palavras dos enunciados só ganham significância porque elas, ou melhor, dizendo, porque o texto tem textualidade com o que é externo (ORLANDI, 2006). Isto é, a evidência de sentido só é aceita pela sua legitimidade com a exterioridade (GREGOLIN, 2015).

Os gestos de interpretação, que têm a ver com a ideologia, nunca têm formas neutras. Quando se diz algo, assume-se uma posição sujeito que será constituída simultaneamente com os efeitos de sentido. Assim sendo, temos, pretensiosamente, pela análise do discurso, a ideia de que ao constituirmos os sentidos, constituiremos, consequentemente, as forma-sujeito de nossos interlocutores. Pois, suas formações ideológicas estão ligadas ao seu discurso.

Ao repararmos os dizeres de nossas materialidades discursivas, vemos o mesmo dito com formulações diferentes. Ou seja, podemos perceber, através dos deslizamentos de sentido, que os sujeitos têm os mesmos receios em formações enunciativas diferentes. Então, observemos o que é dito por Pêcheux (1988):

> Todo enunciado, toda sequência de enunciados é pois [sic] lingüisticamente descritível como uma série léxico-sintaticamente determinada de pontos de deriva possíveis oferecendo lugar à interpretação. É neste espaço que pretende trabalhar a análise de discurso. (PÊCHEUX apud ORLANDI, 2001, p. 24)

Só podemos dar interpretação às nossas materialidades discursivas, porque "todo enunciado é intrinsecamente suscetível de torna-se outro, diferente de si mesmo, de se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro." (PÊCHEUX apud ORLANDI, 2001, p. 23). Tendo isso em mente, buscamos trabalhar no que está na opacidade do texto, mas, lembramos por Orlandi (2001) que nossa interpretação é administrada.

Pelos estudos de Gregolin (2015), vemos que o espaço virtual e sua linguagem são regidos por características específicas. De tal maneira, podemos perceber uma forma híbrida de discurso, ou seja, uma forma com a linguagem verbal e não-verbal. E, que, essas formas não são usadas por apenas um dos quatros sujeitos, mas, por todos eles.

Outras características do meio midiático que observamos é que nenhum dos enunciados seguem a norma culta da língua portuguesa, traço do internetês. E, também, em três das quatro imagens, temos o uso da *hashtag*[10] #Enem2015, que provavelmente são usados pelos sujeitos na inteção de uma autoinserção naquele contexto.

Morfologicamente falando, todos textos das imagens são regados por pronomes em primeira pessoa e verbos conjugados, também, em primeira pessoa. A partir daí, observamos as formações imaginárias que os próprios sujeitos fazem de si. Mas, salientamos que formações imaginárias não partem desses sujeitos, elas partem da memória discursiva que os determina e de um interdiscuro proferido por um grupo, nunca por um único indivíduo.

[10] *Hashtag* é uma expressão bastante comum entre os usuários das redes sociais, na internet. Consiste em uma palavra-chave antecedida pelo símbolo #, conhecido, popularmente no Brasil, como jogo da velha ou quadrado.

Levando em consideração que o Enem 2015 foi o mais difícil, até então, de sua história[11], temos por consequência a comprovação de que os discursos desses não tiveram origem em seus autores, mas, sim, na historicidade, como nos é dito através dos estudos de Orlandi (2001; 2006). Cabe-nos, aqui, fazer uma questão: O Enem é realmente difícil ou a educação é precária e não oferece condições para seus alunos?

Talvez, se tomarmos como base a questão acima, os discursos contidos nas imagens 1 (Eu sabia que iria entrar nos portões do inferno) e 2 (Meu Deus, o que é isso meu pai?) façam referência à precarização da educação brasileira. Pois, segundo informações[12], duas em cada dez escolas estão despreparadas para fornecerem educação de qualidade a seus alunos e essa mazela reflete e desesperam nitidamente as pessoas que estão prestes a entrar no ensino superior e sentem despreparadas, sem posse do mínimo conhecimento necessário para resoluções das questões do Enem.

Segundo fontes[13], mais de 53 mil estudantes zeraram a prova de redação do Enem, problemática abordada pela imagem 4 (moço me da uma nota boa por favor nunca te pedi nada), onde o sujeito pede ao corretor – moço – uma nota boa, com intuito de obter aprovação.

Algo que nos chamou atenção no decorrer da análise de dados, e que pode ser abordado em futuros trabalhos, foi o fato de que a entrada no ensino superior, além de vir da vontade própria do sujeito, é algo imposto pela sociedade. Sendo assim, os sujeitos, que sempre estão levados a dar significação ao mundo, interpretam esses enunciados que lhes são impostos e se submetem a eles.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir os aspectos observados, concluímos, através da teoria da AD, que o texto é um objeto formado (início, meio e fim), todavia, nem ele e nem o seu autor estão com seus sentidos completos; e que a contemporaneidade midiática nos oferece

[11] Informação disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/enem/2015/noticia/2015/10/enem-2015-foi-o-mais-dificil-da-historia-veja-opiniao-de-professores.html>. Acesso em: setembro de 2016.

[12] Informação disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/educacao/estrutura-precaria-afeta-o-ensino-3fqqdq2npmd0u7ym8mvdgbeq6>. Acesso em: setembro de 2016.

[13] Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/noticias/2016/01/11/enem-mais-de-53-mil-candidatos-tiraram-nota-zero-na-redacao.htm>. Acesso em: setembro de 2016.

novos recursos linguísticos discursivos, como, por exemplo, os *memes*. E esses, por sua vez, trazem formas-sujeito em suas materialidades comprovando a interpelação do indivíduo em sujeito, dando pistas de suas formações ideológicas nos enunciados.

Conforme o desenvolver deste trabalho, vimos que a AD reconhece a impossibilidade de um acesso direto à interpretação de nossos dados, mas, ela nos instiga a fazer uma reflexão acerca da opacidade do discurso. Por esta razão, percebemos que a materialidade obtida pela interpretação dos *memes* está intricada a uma memória discursiva e as formações imaginárias que o sujeito tem de si,quanto a (im)possibilidade da entrada no ensino superior.

Por fim, vimos o quão importante são os estudos que dizem respeito à análise discursiva e, mais restritamente, a análise discursiva no espaço virtual, pois, levamos em consideração que as condições de produção desses enunciados são específicas e que, por elas, o sujeito se significa e significa o mundo através de seus discursos.

REFERÊNCIAS

FRANÇA, Islane Rafaelle Rodrigues. Interação oral e memes: um viés linguístico discursivo. **PET Letras - UFAL**: 2015. Disponível em: <http://media.wix.com/ugd/ff0560_b1f7c493d89e476991b32ddfb9b22b57.pdf>. Acesso em: setembro de 2016.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Discurso e imagens do corpo: heterotopias da (in)visibilidade na web. In: FLORES, Giovanna G. Benedetto; NECKEL, Nádia Régia Maffi; GALLO, Solange Maria Leda. (Orgs.) **Análise de discurso em rede:** cultura e mídia. Campinas: Pontes Editores, 2015.

GRIGOLETTO, Evandra. O discurso dos ambientes virtuais de aprendizagem no espaço virtual: uma reflexão sobre as formas de silenciamento. In: _____. et al (Orgs.) **Identidade e espaço virtual:** múltiplos olhares. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.

LUCIANO, Dilma Tavares. A atividade discursiva na construção da sociabilidade no espaço virtual. In: GRIGOLETTO, Evandra. et al (Orgs) **Identidade e espaço virtual:** múltiplos olhares. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e texto:** formação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes Editores, 2001.

_____. **Introdução às ciências da linguagem:** discurso e textualidade. Campinas: Pontes Editores, 2006.

PÊCHEUX, Michel. **Analyse authomatique du discours**. Paris: Dunod, 1969.

_____. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

SILVA SOBRINHO, Helson Flávio. Imagens e não-imagens da velhice na imprensa: formulações que encarnam o discurso, efetivam sentidos e delimitam sujeitos. In: **Discurso, mídia e ensino:** entrecruzamento de abordagens. Tfouni; Santos (orgs.). Aracaju: Criação, 2015.